

DADOS DA INSTITUIÇÃO

Nome/Código da IES: Universidade Federal de Goiás/0584

Caracterização da IES:

Instituição Pública:

Municipal

Estadual

Federal

Instituição Privada:

Com fins lucrativos

Sem fins lucrativos

Comunitária

Confessional

Universidade

Centro Universitário

Faculdade

ISE

CEFET

Estado: Goiás

Município: Goiânia

Composição da CPA

Nome (assinalar, com um *, o nome do coordenador da CPA)	Segmento que representa (docente, discente, técnico administrativo, sociedade civil)
José Luiz Domingues *	Docente
Celene Cunha Monteiro	Docente
Emilson Rocha de Oliveira	Docente
Regina Beatriz Bevilacqua Vieira	Docente
Aretuza Alves Marcório	Técnico Administrativo
Maria de Fátima Vaz de Mattos	Técnico Administrativo
Liliana Borges de Menezes	Discente
Marcos Silva	Discente
Eliezer Furtado de Carvalho	Sociedade Civil Organizada

Mandato da CPA: Até 05/01/06

Ato de designação da CPA: Portarias UFG n.º 2.540, de 07/06/04 e n.º 538, de 14/03/05.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
GABINETE DA REITORIA
COMISSÃO PRÓPRIA DE AVALIAÇÃO - CPA
Campus Samambaia – Prédio da Reitoria
Caixa Postal 131 - CEP 74.001-970
Goiânia/GO - Brasil

**AUTO-AVALIAÇÃO INSTITUCIONAL DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS –
2001/2005**

**Goiânia
2005**

Projeto gráfico

Equipe Gráfica UFG

** Catalogação na fonte*

U58a Universidade Federal de Goiás. *Comissão Própria de Avaliação.*

Auto-avaliação institucional da Universidade Federal de Goiás: 2001 – 2005 / Universidade Federal de Goiás, Gabinete da Reitoria, Comissão Própria de Avaliação. –Goiânia : CEGRAF–UFG, 2005.

Xxx p.

1. Universidade Federal de Goiás – Avaliação – Relatório. 2. Ensino Superior – Avaliação – Relatório. I. Título.

CDD-378.4(817.3)

* Preparada pelo Curso de Biblioteconomia da FACOMB/UFG

Gabinete da Reitoria
Comissão Própria de Avaliação
Campus Samambaia – Prédio da Reitoria
Caixa Postal 131 – CEP 74001-970
Goiânia–Goiás–Brasil
Fone: 55 0xx 62 3521 1063 - Fax: 55 0xx 62 3521 1200
Home Page: <http://www.ufg.br>



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

REITORA

Prof.^a Dra. Milca Severino Pereira

VICE-REITOR

Prof. Dr. Lázaro Eurípedes Xavier

ASSESSOR ESPECIAL

Prof. Dr. José Luiz Domingues

CHEFE DE GABINETE

Téc. em Ass. Educacionais Valterson Oliveira da Silva

PRÓ-REITORA DE GRADUAÇÃO

Prof.^a Dr.^a Celene Cunha Monteiro

PRÓ-REITORA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO

Prof.^a Dr.^a Eliana Martins Lima

PRÓ-REITORA DE ADMINISTRAÇÃO E FINANÇAS

Prof.^a Ms.^a Ilka Maria de Almeida Moreira

**PRÓ-REITOR DE DESENVOLVIMENTO INSTITUCIONAL E RECURSOS
HUMANOS**

Prof. Ms. Emilson Rocha de Oliveira

PRÓ-REITORA DE EXTENSÃO E CULTURA

Prof.^a Dr.^a Ana Luiza Lima Sousa

PRÓ-REITORA DE ASSUNTOS COMUNITÁRIOS

Enf. Ivete Santos Barreto

COMISSÃO PRÓPRIA DE AVALIAÇÃO

José Luiz Domingues – Representante Docente

Celene Cunha Monteiro Antunes Barreira – Representante Docente

Emilson Rocha de Oliveira – Representante Docente

Regina Beatriz Bevilacqua Vieira – Representante Docente

Aretuza Alves Marcório – Representante Técnico Administrativo

Maria de Fátima Vaz de Mattos – Representante Técnico Administrativo

Liliana Borges de Menezes – Representante Discente

Marcos Silva – Representante Discente

Eliezer Furtado de Carvalho – Representante da Sociedade Civil Organizada

COMISSÃO DE AVALIAÇÃO INSTITUCIONAL

Regina Beatriz Bevilacqua Vieira (IPTSP) - Presidente

Ana Laura Berberian Gonzaga (FANUT)

Dirson Santos de Campos (INF)

Eula Maria de Melo Barcelos Costa (FF)

José Carlos Seraphin (IME)

Noé Guedes de Oliveira Filho (CIAMBS)

Maria José Soares (CEGRAF)

Rogério de Araújo Almeida (EA)

Rosângela Nunes Almeida de Castro (EEE)

Suely Henrique de Aquino Gomes (FACOMB)

Apoio Técnico-Administrativo

Márcio Medeiros Oliveira (PRODIRH)

Danielle Simiema Araújo (PRODIRH)

Katlhen Rossi Geraldini (PRODIRH)

PROGRAMA DE GESTÃO ESTRATÉGICA

José Carlos Seraphin (IME)

Apoio Técnico-Administrativo

Márcio Medeiros Oliveira (PRODIRH)

CENSO DA EDUCAÇÃO SUPERIOR

Maria de Fátima Vaz de Mattos (PRODIRH)

Apoio Técnico-Administrativo

Aretuza Alves Marcório (Reitoria)

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	1
.....	0
INTRODUÇÃO	1
.....	1
1 OBJETIVOS	1
.....	3
2 METODOLOGIA	14
3 RESULTADOS.....	15
3.1 AUTO-AVALIAÇÃO	15
3.2 INDICADORES QUANTITATIVOS.....	17
3.3 CENSO DA EDUCAÇÃO SUPERIOR.....	22
3.4 EXAME NACIONAL DE AVALIAÇÃO DE DESEMPENHO DOS ESTUDANTES	24
4 POSSIBILIDADES DE FUTURAS AÇÕES	26
ANEXOS	29
A Relação de Unidades/Órgãos que participaram da Auto-Avaliação nas Gestões 1998/2001 e 2002/2005	
B Avaliação Institucional 1998-2001 - Uma mudança em curso	
C Avaliação Institucional 2002-2005 - Uma mudança em curso	
D Formulário de Síntese da Auto-Avaliação: Por Unidade	
E Formulário de Síntese da Auto-Avaliação: Por Tema	
F Censo da Educação Superior	
G Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes	
APÊNDICE	
Proposta da Auto-Avaliação Institucional/Cursos da Universidade Federal de Goiás	

APRESENTAÇÃO

A Reitoria da Universidade Federal de Goiás, ao tornar público, através da Comissão Própria de Avaliação (CPA), o relatório executivo da 1ª etapa do Projeto de Auto-Avaliação Institucional da Universidade Federal de Goiás, produto de uma interface com o Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior (SINAES), objetiva:

a) devolver para a comunidade acadêmica da UFG, de forma sistematizada, a auto-avaliação institucional, produzida a partir dos dados qualitativos de 68 (sessenta e oito grupos) grupos de enfoque, abrangendo os servidores docentes e técnico-administrativos e alunos;

b) devolver, de forma sistematizada a análise feita pelas Unidades Acadêmicas, dos dados do Censo da Educação Superior - UFG 200/2005 e a análise do desempenho acadêmico dos estudantes da UFG no Exame Nacional de Desempenho/2004, feita pelos cursos de Agronomia, Educação Física, Enfermagem, Farmácia, Medicina, Medicina Veterinária, Nutrição e Odontologia, e;

c) oferecer condições para o debate sobre o perfil de desempenho da UFG a partir de indicadores quantitativos, já existentes nos diversos bancos de dados da UFG.

Ao publicar este relatório-executivo esperamos auxiliar a consolidação, também de algumas metas estruturais de nossa gestão, entre elas:

a) a importância de existir um projeto de Avaliação Institucional centrado na auto-avaliação numa instituição de gente, com gente, para gente;

b) a consolidação da cultura do planejamento estratégico – avaliação institucional como instrumento de crescimento e desenvolvimento da UFG, e;

c) a sistemática de disponibilização de dados e informações, rigorosa e participativamente coletados, para a construção e implantação do Plano de Desenvolvimento Institucional - PDI.

É importante registrar que a perspectiva da avaliação interna de uma IES centrada na auto-avaliação prescrita no SINAES já vinha sendo desenvolvida, de forma pioneira e competente, pela Comissão de Avaliação Instituição (CAVI/PRODIRH) desde 1998, tendo já tornado público o Relatório do 1º Ciclo (1998/2001), do 2º ciclo (2002/2003), e agora em forma de 19 (dezenove) fascículos, o 3º ciclo (2004/2005).

Esta feliz coincidência é que nos permitiu concluir esta 1ª etapa do Projeto dentro do prazo previsto e nos possibilitou ainda acrescentar três novos elementos: a análise do Censo da Educação Superior, a análise dos resultados do ENADE e a apreciação de indicadores quantitativos.

Foi a partir desta história acumulada pela CAVI, que a CPA conseguiu avançar, como será confirmado na leitura deste relatório executivo de uma avaliação descritivo-analítica, existente antes de 1998 para uma avaliação reflexivo-participativa como aprendemos com a equipe.

Vamos ao bom debate, porém é fundamental que seja rigoroso, radical, mas sem deixar de ser ético e com profundo respeito ao outro. Só assim teremos uma Universidade.

Prof.^a Dr.^a Milca Severino Pereira
Reitora

INTRODUÇÃO

A avaliação educacional no Brasil vive de espasmos teóricos, voltando constantemente às origens: avaliação como sinônimo de medida. Em passado recente, pensou-se na avaliação como tomada de decisão (Contexto, Entrada, Processo, Produto – CEPP). Em outro momento, tentou-se articular a avaliação com julgamento de mérito, momento este em que se execrou qualquer perspectiva de mensuração. Pensou-se que seria o momento da “curvatura da vara”.

Recentemente, voltou-se mais forte ao ponto de partida: avaliação como sinônimo de medida. Esta tônica se faz presente no nosso cotidiano através do SAEB, o mais antigo; do ENEN, diretamente ligado à continuação de estudos; do ENAD, versão questionável do “provão”; e, em fase de implantação, também pelo MEC, do Prova Brasil.

É neste contexto de concepções de avaliação que, a partir de 1998, alguns servidores docentes e técnico-administrativos e estudantes da UFG envolveram-se na construção coletiva de um modelo de avaliação institucional, centrado no princípio de que nenhuma destas concepções (medida, tomada de decisão, julgamento do mérito) exclui a outra, ao contrário, elas se combinam e se complementam.

A avaliação institucional foi assumida pela equipe como um processo de aprendizagem coletiva, socializado e produzido através de estratégias interativas. A técnica privilegiada para a coleta dos dados foi a do grupo focal, com participação voluntária e por adesão por parte das unidades acadêmicas e de órgãos envolvidos. A decisão pelo grupo de enfoque não só decorreu pelo mesmo ser considerado pedagógico/construtivo, como por se constituir numa técnica que permite analisar aspectos de caráter subjetivo, elementos assumidos como fundamentais num processo de avaliação de uma instituição universitária.

Nasceu, assim, na Comissão de Avaliação Institucional (CAVI/PRODIRH), o projeto “Avaliação Institucional: uma mudança em curso” com o objetivo de avaliar processos e resultados orientados por metas definidas em planejamentos coletivos cujo pressuposto é: se o planejamento é coletivo, coletivos também serão os encargos, as obrigações decorrentes, bem como os compromissos com a sua execução. Ressalta-se que, em relação ao referido projeto, já foi publicado o relatório do 1º ciclo (1998-2001) e do 2º ciclo (2002-2003).

Em decorrência desta trajetória percorrida pela Comissão de Avaliação Institucional (CAVI/PRODIRH) e de, em 2004, o MEC implantar o SINAES centrado na auto-avaliação institucional e de cursos, sugerindo metodologias interativas e determinando a criação da CPA em cada IES, a recém criada CPA assumiu, na sua “Proposta da Auto-Avaliação Institucional/Cursos da Universidade Federal de Goiás”, o projeto já em desenvolvimento, isto é, “Avaliação Institucional: uma mudança em curso”.

Na tentativa de aproximar o projeto então em desenvolvimento das diretrizes do SINAES, a CPA efetivou alguns ajustes, tais como, a prática da auto-avaliação que era voluntária e por adesão e que abrangia unidades acadêmicas e órgãos, tornou-se obrigatória e restringiu-se, neste momento por limites temporais, somente às unidades acadêmicas. Entretanto, o projeto foi mantido com autonomia sob a coordenação e execução da Comissão de Avaliação Institucional. Na perspectiva de facilitar a interação entre a CPA e a CAVI, a coordenação da CAVI tornou-se membro nato da CPA.

O projeto de avaliação institucional/cursos desenvolvido pela CPA apresenta, além da auto-avaliação desenvolvida pela CAVI, mais três auto-avaliações. A 1ª refere-

se aos dados quantitativos gerenciados pelo Programa de Gestão Estratégica presentes nos bancos de dados da UFG, transformados em indicadores quantitativos, por Unidades Acadêmicas, a 2ª é o Censo da Educação Superior/INEP/UFG, organizado por Unidade e seus respectivos cursos e formatado em série histórica abrangendo o período 2000-2003. A 3ª aborda a auto-avaliação do perfil e do desempenho dos estudantes no ENADE, aplicado em 2004.

A intersecção destas quatro vertentes de auto-avaliação permitiu à equipe da CPA identificar e sugerir possibilidades de futuras ações nas áreas de planejamento, treinamento e desenvolvimento, comunicação, relacionamento interpessoal, atividades acadêmicas (ensino, pesquisa, extensão e gestão). Além destas áreas foram identificadas e sugeridas, também, formas pedagógicas para a leitura dos dados do Censo e dos indicadores quantitativos. E em relação ao ENADE, foram feitas sugestões para o seu aprimoramento.

Na perspectiva de possibilitar uma visão detalhada da auto-avaliação, faz parte do presente relatório os resultados do 3º ciclo (2004-2005) do projeto “Avaliação Institucional: uma mudança em curso”, composto pelos 19 fascículos correspondentes às unidades acadêmicas avaliadas, publicado pela CAVI/PRODIRH - 2005.

Deve-se destacar, outrossim, que a Faculdade de Medicina, por estar desenvolvendo um projeto de avaliação de currículo em caráter experimental, por solicitação e entendimento com a CPA, não participou do processo de auto-avaliação gerida pela CAVI.

Finalmente, integra o presente relatório, na forma de apêndice, a “Proposta da Auto-Avaliação Institucional/Cursos da Universidade Federal de Goiás”, aprovada pelo CONAES, leitura indispensável para a compreensão do mesmo.

1 - OBJETIVOS

- Consolidar na UFG um processo de avaliação institucional, construído coletivamente, em 1998, que subsidie de modo pleno a gestão acadêmica rumo à potencialização e desenvolvimento do desempenho institucional.
 - Diagnosticar a atual situação da UFG nas dimensões de ensino, pesquisa, extensão e gestão.
 - Subsidiar a definição de políticas de desenvolvimento humano e acadêmico.
 - Facilitar a emergência de uma cultura de avaliação na UFG, que pressuponha a auto-avaliação e a avaliação externa como instrumentos de busca de excelência.
 - Estimular, na UFG, a inter-relação das tarefas acadêmicas, de modo a contemplar as dimensões de ensino, pesquisa, extensão e gestão.
 - Propor mudanças no cotidiano da UFG, atendendo às metas definidas pelos núcleos para a realização da missão da UFG.
 - Exercitar a partilha da responsabilidade do poder.
 - Converter a avaliação em um instrumento de superação individual e coletiva de limitações.
 - Reforçar o compromisso com a excelência do saber.
 - Realizar reavaliações periódicas.
 - Defender o princípio de respeito à diversidade.
 - Reafirmar, em todas as ações, o compromisso de potencializar a vida.
 - Manter um processo de avaliação contínuo, evolutivo, plástico e flexível.

2 – METODOLOGIA

A Auto-Avaliação Institucional da Universidade Federal de Goiás é baseada nas séries de relatórios produzidos pela Comissão de Avaliação Institucional (CAVI/PRODIRH) nas gestões de 1998/2001 e 2002/2005 (anexo A).

Este modelo de Auto-avaliação emprega fundamentalmente uma metodologia qualitativa (grupo de enfoque), aliada aos benefícios da metodologia quantitativa.

O grupo de enfoque não é só pedagógico/construtivo, mas também permite analisar questões fundamentais à Universidade, tais como: Planejamento, Levantamento de Necessidades de Treinamento e Desenvolvimento, Comunicação, Relação Interpessoal e Atividades Acadêmicas (Ensino, Pesquisa, Extensão e Gestão) e inclui duas dimensões: os servidores (docentes e técnico-administrativos) e os discentes, que reunidos emitem juízos acerca das atividades realizadas na Universidade. Para exemplificar, está anexo a este documento o Relatório de Auto-Avaliação de uma Unidade Acadêmica, mantida em sigilo por motivos éticos, realizada nas duas gestões (anexos B e C).

A partir dos resultados obtidos, a Equipe da CPA desenvolveu os formulários de Síntese da Auto-Avaliação, por unidades e por temas (anexos D e E), com o objetivo de consolidar as informações e traçar um perfil comum às Unidades Acadêmicas, mas também considerando suas particularidades.

Somado a isto, os Indicadores Quantitativos, coletados na base de dados da Universidade/PRODIRH, nos dá condições de confirmar ou não a análise qualitativa feita pela Auto-avaliação.

Além disso, mais duas fontes de informações foram usadas no processo avaliativo: o Censo da Educação Superior (anexo F), com dados coletados na base de dados da UFG e o Exame Nacional de Avaliação de Desempenho dos Estudantes (anexo G), uma exigência do Ministério da Educação, ambos, organizados pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira – INEP.

Com relação ao CENSO foi elaborada uma pasta, para cada Unidade Acadêmica, constando as informações de seus respectivos cursos e solicitou-se a análise de tópicos relevantes à Graduação. A partir desta análise, produziu-se a síntese apresentada no item 3.3 deste relatório.

Quanto ao ENADE, foi realizado um seminário, em parceria com a Pró-Reitoria de Graduação – PROGRAD para a apresentação dos resultados dos cursos avaliados em 2004. Após o seminário, estas informações foram consolidadas e estão no item 3.4.

3 – RESULTADOS

3.1 – AUTO-AVALIAÇÃO

Planejamento

Com relação ao planejamento existe clareza por parte da comunidade de sua importância para a melhoria dos serviços prestados pela UFG. Inclusive nos locais que ainda não realizaram o planejamento sistematicamente, existem relatos que os serviços ali prestados seriam ainda de melhor qualidade.

O planejamento existe na maioria das unidades, mas ainda não existe uma uniformidade para sua realização. Algumas unidades estão mais avançadas que outras no processo de discussão e elaboração do planejamento, pois nota-se um maior envolvimento de docentes, técnico-administrativos e alunos no processo. Já em outras, o processo envolve apenas a direção da unidade e um grupo reduzido de servidores docentes e/ou técnico-administrativos.

Foram constatados problemas na divulgação do planejamento, ficando claro que os docentes têm mais acesso ao mesmo. Nestes locais a comunidade mostrou-se interessada em conhecer melhor e ter maior participação na sua elaboração.

Um fato observado é que a comunidade interna se considera comprometida e motivada com os projetos institucionais, e que mesmo sem um conhecimento adequado das metas definidas no planejamento as mesmas estão sendo cumpridas graças ao esforço das pessoas envolvidas.

Em algumas unidades percebeu-se certo conflito na opinião dos grupos sobre a questão do comprometimento, onde os docentes se consideram mais envolvidos que os técnico-administrativos e vice-versa, e também casos de que alguns são mais sobrecarregados que outros.

No caso das metas não cumpridas é unânime a justificativa de que isto ocorre por problemas externos a unidade, seja por falta de recursos humanos e financeiros, infra-estrutura inadequada até pelo não atendimento por parte da administração central ou do governo dos pleitos da unidade.

Treinamento e Desenvolvimento

Existe um conceito por parte da comunidade de que o programa de treinamento e desenvolvimento praticado pela instituição tem como público alvo apenas os servidores técnico-administrativos e que no caso dos docentes sua qualificação está relacionada aos programas de pós-graduação na sua área de conhecimento.

Isso se torna claro quando percebemos que os professores na maioria das vezes relatam que têm incentivos a fazerem sua especialização, mestrado ou doutorado enquanto que os técnicos participam dos treinamentos oferecidos pelo Departamento de Recursos Humanos. Por outro lado, os técnicos diferem também na concepção de cursos direcionados a quem está na área administrativa e aqueles da área laboratorial. É reconhecido o esforço por parte da administração central no levantamento das necessidades e oferta de qualificação, mas existem problemas na efetiva realização dos cursos principalmente no que se refere à possibilidade de participação dos servidores nos mesmos. Basicamente os problemas apontados referem-se aos locais inadequados de realização dos cursos, horários incompatíveis, não liberação pelas chefias por falta de

servidores para manter o serviço em funcionamento e turmas canceladas por falta de número suficiente de pessoas e a própria resistência por parte dos envolvidos.

Foram observados casos em que apesar da realização do treinamento, os conhecimentos adquiridos não puderam ser aplicados quando do retorno ao local de trabalho mostrando falhas no planejamento.

Os discentes dizem que o corpo docente é qualificado e tem muito conhecimento o que demonstra a eficiência da qualificação em nível de Pós-Graduação (Mestrado e Doutorado), de outro lado alertam para a necessidade dos docentes melhorarem a didática e os métodos de avaliação.

Comunicação

Os três segmentos, com raras exceções, são unânimes em pontuar que a comunicação interna nas unidades e entre as unidades dentro da UFG é pouco eficiente, requerendo atenção especial dos gestores em todas as esferas da instituição. Fato este considerado como um reflexo da falta de cultura no uso dos meios eletrônicos, isolamento físico entre as unidades, atraso na divulgação das informações e excesso de trabalho.

Por outro lado, há uma concordância de que a visibilidade externa das unidades e da UFG é boa, o que indica que a comunicação embora deficiente internamente é bem sucedida com a comunidade externa à UFG. Quanto à visibilidade interna, as unidades se auto penalizam, algumas chegando a acreditar que são vistas de forma distorcida pela comunidade interna.

É importante considerar que o acesso à informação, seja através da página, manual do candidato e outros meios, juntamente com o caráter público e gratuidade da instituição, tem papel importante na influência da escolha pela UFG, o que foi constantemente ressaltado pelo segmento discente. A única unidade onde a comunicação é considerada eficaz faz uso de diferentes meios de comunicação (jornal, revista, cartazes, folders, site etc.) no seu dia a dia.

Relacionamento Interpessoal

Ficou evidente que uma organização como a UFG possui um quadro de relações interpessoais de acordo com sua natureza, a saber, complexo. Os servidores docentes, da maioria das Unidades Acadêmicas, consideram o relacionamento com seus pares como sendo bom, permeado de respeito, harmonia e cordialidade; já os Técnicos e Alunos percebem o relacionamento entre os Docentes como conflituoso, com elementos de vaidade, competitividade e desunião.

O inter-relacionamento Docente/ Técnico, de acordo com a percepção dos Técnicos e Alunos, apresenta alguns problemas como o distanciamento e desentendimento, e deve ser melhorado; por outro lado, os docentes em sua maioria consideram bom o seu relacionamento com os Técnicos. Neste item há duas ressalvas que ilustram a diversidade do inter-relacionamento na Instituição, pois se registrou em uma UA que os docentes consideram os TA's desrespeitosos e em outra os docentes consideram os Ta's exemplares.

De uma forma geral, o relacionamento Docente/Discente e TA/Discente segundo as categorias, é considerado "normal" com algumas dificuldades ocasionais. Os Alunos, por sua vez, registram o clima de "tranquilidade" nos seus relacionamentos com seus pares, entretanto requerem uma maior interação entre os alunos dos diferentes períodos do curso.

Atividades Acadêmicas (Ensino, Pesquisa, Extensão e Gestão)

Docentes e TA's ressaltam a qualidade do ensino de graduação na instituição. Para eles o ensino é muito bem visto e bastante elogiado sendo comum entre estas categorias o emprego de termos como: "bom", "forte", "ótimo", "motivo de orgulho", para expressar o que pensam sobre as atividades de ensino na UFG. Comentam que apesar do quadro reduzido os professores são qualificados, dedicados e envolvidos. Os alunos referem-se aos professores como sendo "bons de conteúdo", "com perfil de pesquisadores". Em relação aos procedimentos didáticos pedagógicos e à avaliação da aprendizagem opinam que estes aspectos devem ser mais diversificados.

Verifica-se opiniões divergentes entre os discentes, provavelmente, em função do processo auto-avaliativo ter transcorrido em momentos de transição entre estruturas curriculares, pois algumas unidades acadêmicas encontram-se em estruturas curriculares antigas e outras nas novas estruturas curriculares. Desta forma, percebem-se manifestações como: falta encadeamento lógico de conteúdos, "precisa reorganizar", por parte daqueles que estão em estruturas curriculares em extinção, enquanto outros consideram as novas estruturas curriculares mais adequadas ou não se sentem em condições de emitir julgamentos, posto que, ainda não vivenciaram as novas matrizes curriculares em sua totalidade.

Quanto à pesquisa, tanto docentes quanto técnico-administrativos da maioria das unidades acadêmicas referem um franco crescimento apesar da restrição de verbas. As atividades de extensão ocupam lugar de relevância em algumas unidades e em outras estão em fase de consolidação. A diversidade em relação a estas atividades pode ser percebida através de manifestações como: "a extensão sustenta a estrutura", "ponto crítico".

A gestão tem sido bem avaliada sendo reconhecido todo o esforço dos gestores em busca da melhoria gradativa das unidades acadêmicas que dirigem. Os avaliadores fazem referência à prática recente do planejamento estratégico como fator positivo e apontam questões burocráticas e de escassez de recursos como fatores dificultadores para as ações dos gestores.

3.2 - INDICADORES QUANTITATIVOS

O processo de avaliação institucional pautado na metodologia de grupo de enfoque (ou grupo de discussão), essencialmente qualitativo, permitiu conjugar aos seus benefícios os da abordagem quantitativa, a partir da consulta e análise de dados secundários existentes na UFG, corroborando ou permitindo ampliar as conclusões obtidas na abordagem qualitativa.

Os dados secundários considerados na análise dizem respeito aos indicadores quantitativos disponíveis, para cada unidade acadêmica no ano de 2004, nas dimensões de ensino, pesquisa, extensão e gestão. Os indicadores devem ser considerados como ferramenta auxiliar de forma a retratar aspectos relevantes do desempenho da unidade e da instituição. A construção de série histórica para acompanhar a evolução de aspectos relevantes do desempenho, pode indicar, ao longo dos anos, a necessidade de aperfeiçoamentos em áreas específicas, ou mesmo a correção de eventuais disfunções.

As descrições das unidades acadêmicas e dos indicadores constam das Tabelas 1 e 2 respectivamente. Na Tabela 3 encontra-se os valores obtidos para cada unidade.

Com o objetivo de resumir e identificar convenientemente alguns padrões entre as unidades acadêmicas, considerando simultaneamente os indicadores calculados,

realizou-se uma análise de componentes principais¹, a partir dos dados da Tabela 3. Esta análise permitiu observar a distribuição das unidades acadêmicas e os indicadores mais relevantes no espaço bidimensional conservando aproximadamente 78% da informação (variabilidade) original (Figura 1). 7/12 das unidades acadêmicas foram bem representadas neste plano.

Em termos gerais, observando a Figura 1, as unidades acadêmicas da UFG se agrupam em função do perfil docente (DE ou 40 e 20h) e de pesquisa, da atenção dispensada ao corpo discente (aluno/técnico administrativo) e docente (técnico administrativo/docente) e da capacidade de admissão e diplomação discente. Por exemplo, unidades com alta capacidade de admissão de alunos em geral dispensam menor atenção aos mesmos e tem pouco sucesso na diplomação, o que significa uma menor relação de candidato por vaga, um maior número de alunos por técnico administrativo e alunos que demandam mais tempo para diplomar. Aqui estão incluídas unidades que aparentemente demandam menos laboratórios. Por outro lado, unidades que dispensam maior atenção aos alunos e ao professor, em geral têm maior sucesso na diplomação. Outro aspecto interessante é o fato de unidades com maior potencial de pesquisa e maior número de projetos/docente se contrapõem às unidades onde o perfil docente é de 40 ou 20 horas.

Uma análise de agrupamento das unidades, após a análise de componentes principais, permitiu a formação de quatro grupos distintos. O primeiro agrupa unidades com elevado número de projetos/professor, alta atenção administrativa ao professor (EAEA, EEC, EV, FANUT, FEF, FEN, FF, FO, ICB, IQ e IPTSP; IPP = 1,69, IAP = 0,71 e IE = 0,80), enquanto o segundo agrupa unidades com características opostas (EEEC, EMAC,

Tabela 1. Denominação das unidades acadêmicas com as respectivas abreviações.

UNIDADES ACADÊMICAS	SIGLA
ESCOLA DE AGRONOMIA E ENGENHARIA DE ALIMENTOS	EAEA
ESCOLA DE ENGENHARIA ELÉTRICA E COMPUTAÇÃO	EEEC
ESCOLA DE MÚSICA E ARTES CÊNICAS	EMAC
ESCOLA DE ENGENHARIA CIVIL	EEC
ESCOLA DE VETERINÁRIA	EV
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E FILOSOFIAS	FCHF
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO E BIBLIOTECONOMIA	FACOMB
FACULDADE DE NUTRIÇÃO	FANUT
FACULDADE DE ARTES VISUAIS	FAV
FACULDADE DE DIREITO	FD
FACULDADE DE EDUCAÇÃO	FE
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA	FEF
FACULDADE DE ENFERMAGEM	FEN
FACULDADE DE FARMÁCIA	FF
FACULDADE DE LETRAS	FL
FACULDADE DE MEDICINA	FM
FACULDADE DE ODONTOLOGIA	FO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS	ICB
INSTITUTO DE ESTUDOS SÓCIO AMBIENTAIS	IESA
INSTITUTO DE FÍSICA	IF
INSTITUTO DE MATEMÁTICA E ESTATÍSTICA	IME
INSTITUTO DE INFORMÁTICA	INF
INSTITUTO DE QUÍMICA	IQ
INSTITUTO DE PATOLOGIA TROPICAL E SAÚDE PÚBLICA	IPTSP

¹ Em termos gerais pode ser visto como um procedimento para resumir e descobrir padrões em um conjunto de dados multivariados, a partir da representação gráfica de uma nuvem de pontos em um espaço de dimensão reduzida, de tal maneira que a informação retida por esse espaço seja a maior possível, permitindo visualizar a proximidade entre os indivíduos e os vínculos entre as variáveis.

Tabela 2. Descrição dos indicadores e abreviações usadas.

INDICADOR (ABREVIÇÃO)	DESCRIÇÃO
ÍNDICE DE ATENÇÃO ACADÊMICA (IAA)	Indica a taxa de utilização de recursos docentes (relação entre o número total de alunos atendidos pela unidade e o número de professores)
ÍNDICE DE ATENÇÃO AO ESTUDANTE (IAE)	Indica a taxa de utilização do pessoal de apoio (relação entre o número total de alunos atendidos pela unidade e número total de funcionários)
ÍNDICE DE ATENÇÃO ADMINISTRATIVA AO PROFESSOR (IAP)	Indica a distribuição do pessoal de apoio em relação aos docentes (relação entre número total de TA e o número total de professores)
ÍNDICE DE ADMISSÃO (IA)	Indica a capacidade de admissão de estudantes inscritos no exame vestibular (relação entre número de alunos admitidos e o número de inscritos no vestibular)
ÍNDICE DE EFICIÊNCIA (IE)	Indica a taxa de sucesso na graduação (relação entre o n. de diplomados e o número total de ingressantes na graduação incluindo todas as formas de acesso)
ÍNDICE DE OCIOSIDADE (IO)	Expressa o nível de preenchimento de vagas ofertadas no vestibular e o conseqüente grau de ociosidade existente no ensino de graduação (relação entre o número de vagas preenchidas e o número total de vagas oferecidas)
ÍNDICE DE RETENÇÃO DISCENTE (IRD)	Expressa a permanência do estudante (relação entre o número de formandos, ponderado pelo tempo médio de conclusão – curricular –, e o número total de alunos de graduação da unidade).
ÍNDICE DE DESERÇÃO (ID)	Representa a proporção de estudantes ativos da graduação que abandona por vontade própria ou jubramento (relação entre o número de alunos desistentes e o número de alunos matriculados).
AVALIAÇÃO DE CONDIÇÕES DE OFERTA – CORPO DOCENTE	Avaliação feita pelo MEC sobre corpo docente (CMB: condição muito boa; CB: condição boa; CR: condição regular; CI: condição insuficiente)
AVALIAÇÃO DE CONDIÇÕES DE OFERTA – ORGANIZAÇÃO DIDÁTICO-PEDAGÓGICA	Avaliação feita pelo MEC sobre organização didático-pedagógica (CMB: condição muito boa; CB: condição boa; CR: condição regular; CI: condição insuficiente)
AVALIAÇÃO DE CONDIÇÕES DE OFERTA - INSTALAÇÕES	Avaliação feita pelo MEC sobre instalações (CMB: condição muito boa; CB: condição boa; CR: condição regular; CI: condição insuficiente)
CONCEITO DO MESTRADO (CM)	Indica o conceito atribuído pela CAPES
CONCEITO DO DOUTORADO (CD)	Indica o conceito atribuído pela CAPES
ÍNDICE DE TITULAÇÃO DO CORPO DOCENTE (ITCD)	Representa a média ponderada das titulações acadêmicas dos docentes (relação entre (5D+3M+2AE+G) e (D+M+AE+G))
ÍNDICE DE PRODUÇÃO ACADÊMICA (IPA)	Indica a taxa da produção acadêmica docente (relação entre número de publicações de artigos científicos + livros e o número de docentes a tempo equivalente (número de DE + n. de 40h + 1/2 do n. 20h)
POTENCIAL DE PESQUISA (PP)	Indica o potencial docente envolvido em pesquisa (relação entre o número de docentes DE e o número total de docentes)
PERFIL DOCENTE 40 H (PD40)	Indica a opção para o perfil docente (relação entre o número de docentes em 40 h e o número total de docentes)
PERFIL DOCENTE 20 H (PD20)	Indica a opção para o perfil docente (relação entre o número de docentes em 20 h e o número total de docentes)
ÍNDICE DE PARTICIPAÇÃO DE DOCENTES TEMPORÁRIOS (IPDT)	Indica a participação do docente temporário nas atividades acadêmicas (relação entre o número de prof. substitutos + visitantes e o número total de docentes)
RIGOR DE PROGRESSÃO FUNCIONAL (RPF)	Indica o rigor da progressão funcional docente (relação entre o número de docentes doutores e o número total de professores titulares + adjuntos)

INDICADOR (ABREVIÇÃO)	DESCRIÇÃO
PESO DA ESTRUTURA GERENCIAL (PEG)	Indica o nível de dispêndio e o peso da estrutura gerencial (relação entre o número de docentes + TA e o número total de FG + CD e outras gratificações por funções técnicas ou administrativas)
ÍNDICE DE PARTICIPAÇÃO EM PROGRAMAS ACADÊMICOS (IPPA)	Indica o esforço em oferecer aos alunos da graduação oportunidades de iniciação à pesquisa e outras atividades adicionais à formação (relação entre o número de bolsas de monitoria, iniciação científica, extensão etc. e o número de alunos matriculados da unidade)
ÍNDICE DE EFICIÊNCIA DOS CURSOS DE PÓS-GRADUAÇÃO (IEPG)	Indica a taxa de sucesso na pós-graduação <i>strictu sensu</i> (relação entre o número de teses ou dissertações aprovadas e o número total de ingressantes nos cursos de mestrado e doutorado)
ÍNDICE DE PROJETOS DE EXTENSÃO (IPE)	Indica a taxa efetiva de produção de projetos de extensão docente (relação entre o número de projetos de extensão aprovados no RADOE e o número de docentes a tempo equivalente – n. de DE + n. de 40 h + ½ do n. de 20 h)
ÍNDICE DE PROJETOS DE PESQUISA (IPP)	Indica a taxa efetiva de produção de projetos de pesquisa docente (relação entre o número de projetos de pesquisa aprovados no RADOE e o número de docentes a tempo equivalente – n. de DE + n. de 40 h + ½ do n. de 20 h)
ÍNDICE DE EFICIÊNCIA DE PESQUISA (IEP)	Indica a taxa de sucesso em pesquisa (relação entre número de publicações de artigos científicos + livros e o número de projetos de pesquisa aprovados no RADOE)

Fontes: CENSO, MEC, RGCG, SAA, SICAD, SISPG, SP

Tabela 3. Valores dos indicadores para as diferentes unidades acadêmicas da UFG no ano de 2004.

UNIDADE	IAA	IAE	IAP	IA	IE	IO	IRD	ID	COCD	CODP	COI	CM	CD	ITCD	IPA	PP	PD40	PD20	IPDT	RPF	PEG	IPPA	IEPG	IPE	IPP	IEP
EA	15,89	23,39	0,68	0,13	0,72	1,02	1,14	0,05	-	-	-	4	4	4,49	0,51	0,92	0,06	0,02	0,02	0,91	11,13	0,07	0,20	0,29	1,33	0,39
EEEC	19,53	46,38	0,42	0,07	0,69	1,00	0,83	0,05	-	-	-	3	-	3,97	0,19	0,79	0,16	0,05	0,03	0,46	5,40	0,02	0,25	0,03	0,89	0,21
EMAC	9,35	49,89	0,19	0,19	0,68	0,73	1,14	0,06	CMB	CMB	CMB	4	-	3,06	0,15	0,81	0,13	0,06	0,19	0,32	9,50	0,06	0,67	0,41	0,26	0,58
EEC	17,45	32,00	0,55	0,13	0,64	1,10	1,06	0,08	-	-	-	3	-	4,21	0,32	0,82	0,06	0,12	0,00	0,56	8,50	0,05	0,54	0,13	2,06	0,16
EV	11,18	10,60	1,05	0,08	1,03	1,04	1,45	0,02	-	-	-	5	5	4,31	0,95	0,93	0,05	0,02	0,05	0,75	16,14	0,07	0,06	0,40	1,93	0,50
FCHF	17,71	57,29	0,31	0,20	0,49	1,00	0,96	0,16	-	-	-	3/4	3	4,16	0,98	0,84	0,13	0,04	0,09	0,90	5,54	0,02	0,77	0,17	0,96	1,02
FACOMB	19,97	46,08	0,43	0,08	0,65	1,00	1,12	0,05	-	-	-	-	-	3,07	0,20	0,77	0,20	0,03	0,13	0,42	10,75	0,07	-	0,41	0,44	0,46
FANUT	9,05	23,75	0,38	0,05	0,88	1,00	1,33	0,01	-	-	-	-	-	3,52	0,90	0,90	0,00	0,10	0,05	0,31	9,67	0,07	-	1,15	1,50	0,60

FAV	15,65	35,47	0,44	0,14	0,71	0,97	1,13	0,10	-	-	-	3	-	3,12	0,21	0,88	0,06	0,06	0,09	0,44	6,13	0,01	0,00	0,33	0,15	1,40	
FD	19,14	22,13	0,86	0,04	0,96	1,02	1,33	0,02	-	-	-	2	-	2,89	0,47	0,05	0,54	0,41	0,16	0,35	11,50	0,00	0,38	0,07	0,14	3,50	
FED	13,38	42,95	0,31	0,18	0,89	1,00	1,06	0,05	-	-	-	4	4	3,90	0,68	0,82	0,11	0,07	0,07	0,73	8,89	0,02	0,25	0,36	0,58	1,18	
FEF	13,48	21,06	0,64	0,08	0,88	1,03	1,36	0,06	-	-	-	-	-	3,24	0,33	0,88	0,08	0,04	0,12	0,31	13,67	0,06	-	0,45	1,14	0,29	
FENF	7,71	19,29	0,40	0,04	0,91	1,00	1,35	0,00	-	-	-	3	-	3,46	1,55	0,91	0,00	0,09	0,09	0,29	7,00	0,13	0,23	0,12	1,31	1,18	
FF	18,30	15,44	1,19	0,05	0,86	1,01	1,71	0,09	-	-	-	3	-	3,57	0,78	0,81	0,07	0,11	0,15	0,27	11,80	0,04	-	0,63	1,61	0,49	
FL	16,55	97,44	0,17	0,20	0,54	1,03	0,99	0,13	-	-	-	4	4	3,85	0,38	0,79	0,21	0,00	0,11	0,56	10,33	0,06	0,18	0,11	0,68	0,56	
FM	5,60	30,33	0,18	0,03	1,00	1,02	1,27	0,00	-	-	-	-	-	2,69	0,21	0,05	0,62	0,32	0,07	0,29	19,25	0,02	-	0,39	0,17	1,21	
FO	7,00	7,74	0,90	0,06	0,95	1,00	1,34	0,01	-	-	-	3	-	3,68	1,16	0,73	0,15	0,12	0,06	0,45	14,14	0,11	0,03	0,27	0,63	1,84	
ICB	5,63	15,40	0,37	0,10	0,60	1,16	1,35	0,09	-	-	-	4	4	3,82	0,86	0,82	0,11	0,07	0,11	0,61	11,20	0,17	0,17	0,25	1,54	0,56	
IESA	17,92	61,43	0,29	0,20	0,49	1,03	1,10	0,16	-	-	-	4	-	4,25	0,63	0,96	0,04	0,00	0,00	0,46	4,43	0,07	0,31	0,17	0,58	1,07	
IF	6,20	23,25	0,27	0,22	0,15	1,00	0,34	0,33	-	-	-	3	-	4,40	1,93	0,93	0,07	0,00	0,03	0,44	9,50	0,18	0,56	0,27	1,27	1,53	
IME	10,13	45,60	0,22	0,19	0,51	1,06	1,03	0,22	-	-	-	4	-	3,96	0,49	0,93	0,07	0,00	0,07	0,52	9,17	0,14	0,19	0,22	0,93	0,52	
INF	4,14	29,00	0,14	0,06	0,52	1,03	0,90	0,07	-	-	-	3	-	3,91	0,05	0,71	0,24	0,05	0,10	0,65	16,00	0,15	0,00	0,20	0,56	0,09	
IQ	13,85	13,19	1,05	0,16	0,56	1,00	0,98	0,13	-	-	-	3	-	4,75	1,15	1,00	0,00	0,00	0,00	0,58	8,20	0,09	0,18	0,20	3,25	0,35	
IPTSP	1,92	3,32	0,58	-	-	-	-	-	-	-	-	4	4	3,76	1,76	0,66	0,18	0,16	0,09	0,80	13,33	-	0,24	0,10	2,26	0,78	
UFG	12,36	32,18	0,50	0,12	0,71	1,01	1,14	0,08						3,75	0,70	0,78	0,14	0,08	0,08	0,51	10,46	0,07	0,27	0,30	1,09	0,85	

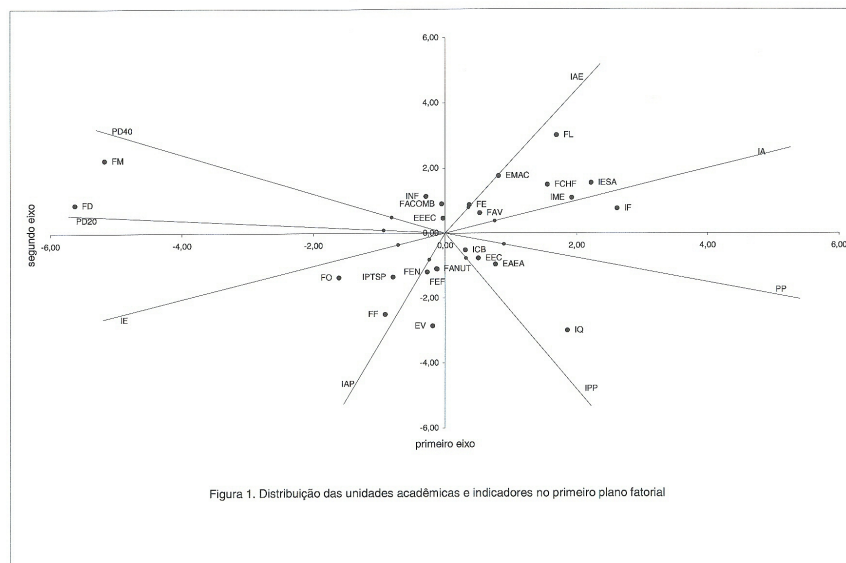


Figura 1. Distribuição das unidades acadêmicas e indicadores no primeiro plano fatorial

FACOMB, FAV, FE e INF; IPP = 0,48 e IAP = 0,32). O terceiro agrupa unidades com grande capacidade de admissão e paralelamente alto número de alunos por técnicos administrativos (FCHF, FL, IESA, IF e IME; IA = 0,20 e IAE = 57,00). Por último são grupadas unidades com perfil docente de 40 e 20 horas (FD e FM; PD40 = 0,58, PD20 = 0,37 e IE = 0,98).

Em resumo, podemos dizer que no ano de 2004 na UFG, três grandes dimensões, a saber: perfil docente e de pesquisa, atenção dispensada a discentes e docentes e ainda capacidade de admissão e diplomação discentes, definem o comportamento das unidades acadêmicas.

3.3 – CENSO DA EDUCAÇÃO SUPERIOR

Com o objetivo de fazer uma avaliação dos cursos de graduação da UFG foi solicitada às 24 (vinte e quatro) unidades acadêmicas dessa instituição a síntese dos dados numéricos, acompanhada de uma análise qualitativa do Censo da Educação Superior, no período de 2000 a 2003. Essa avaliação visa subsidiar a discussão sobre cada curso no respectivo conselho diretor, coordenação e departamentos.

As categorias utilizadas para análise foram: alunos inscritos no processo seletivo; faixa etária; gênero; motivos que levaram o aluno ao afastamento do curso; relação ingressantes e diplomados; inserção dos alunos nos programas de bolsa. Dentre as 24 unidades acadêmicas, 50% responderam a essa solicitação e a análise das sínteses elaboradas permite delinear o seguinte quadro:

Alunos Inscritos no Processo Seletivo

No período analisado o número de alunos inscritos nos cursos da área de saúde manteve média constante na relação candidato vaga (Medicina e Odontologia) ou apresentou crescimento, especialmente no ano 2003 (Farmácia e Nutrição).

Na área de humanas verifica-se uma variação significativa na relação candidato vaga, apresentando um relevante acréscimo de inscritos no ano de 2001 em relação ao ano anterior e aos dois posteriores (Filosofia); oscilação apresentando decréscimo no ano 2002 e acréscimo em 2003 (História). Observa-se no curso de História um percentual maior de inscritos no período noturno. O curso de Direito manteve uma média estável de 24,93 candidato/vaga e também a proporcionalidade entre os dois turnos.

Também na área de exatas (Matemática, Ciências da Computação, Química) constata-se o crescimento regular no número de inscritos à exceção do ano de 2002 no qual houve um decréscimo. Com a greve das instituições públicas de ensino ocorrida nesse período foi cogitada a possibilidade de suspensão do vestibular. Talvez essa tenha sido a causa do decréscimo no número de inscrito, tornando esse ano atípico. O curso de Física manteve uma média constante, havendo um ligeiro aumento em 2003. Observa-se também que no curso de Matemática, para o turno noturno o número de inscritos é maior que no diurno.

Para o curso de Engenharia Civil o número de inscritos manteve-se em crescimento com exceção do ano 2002 que também houve um decréscimo. O Curso de Ciências Biológicas apresentou, no ano de 2003, uma demanda maior de inscritos em relação aos outros anos. O número maior de inscritos em Ciências Biológicas para o turno diurno é compreensível, uma vez que são oferecidas vagas para o bacharelado com habilitações distintas e licenciatura e, para o turno noturno, apenas para licenciatura.

Faixa Etária

A faixa etária de ingresso dos alunos nos cursos analisados concentra-se entre 18 e 24 anos, mas o percentual de ingressantes com menos de 18 anos é considerável. Seguem-se em número decrescente os alunos na faixa etária de 25-29, de 30-34 e acima de 34 anos. O curso de Farmácia recebe ingressantes na faixa de 18 anos para o próprio curso e ingressantes em faixas maiores para as habilitações do mesmo uma vez que os alunos graduam-se em Farmácia para depois cursarem uma das habilitações oferecidas.

Outros cursos recebem alunos, embora em pequenos números, na faixa etária mais avançada como, por exemplo, o curso de História, sobretudo em seu turno noturno, ao contrário do curso de Ciências da Computação onde se verifica a presença de vários alunos ingressantes com 16 de idade. Os dados permitem inferir que os discentes dos cursos analisados são, na sua grande maioria, jovens.

Gênero

A procura pelos cursos de Nutrição, Odontologia, Farmácia continua historicamente sendo maior pelo gênero feminino. No curso de Odontologia, no período analisado, constatou-se uma tendência a feminilização do curso no qual o índice de mulheres chegou a 72,8% em 2001. No curso de Medicina há uma pequena variação com o leve predomínio do gênero masculino. Ressalta-se, entretanto que ao longo do período analisado houve um discreto, porém progressivo, aumento do número de inscritos do gênero feminino.

O curso de Direito apresenta um equilíbrio entre o gênero masculino e feminino. Já nos cursos de Ciências da Computação, Engenharia Civil, Matemática, Física, Filosofia e de História o gênero masculino sobrepõe-se ao feminino. No curso de Química predomina o gênero masculino, mas há uma forte tendência de minimização dessa diferença pelo gênero feminino, enquanto que, no curso de Matemática pode se observar que a porcentagem de mulheres no curso vem diminuindo a partir de 2001 entre os ingressantes.

Afastamentos do Curso

São vários os motivos que levam o aluno a trancamento de matrícula, mudança de curso, transferência, desistência ou desligamento, dentre eles podemos citar:

- Ingresso no mercado de trabalho;
- Dificuldade de conciliação entre trabalho e estudos;
- Mudança de domicílio;
- Problemas de saúde;
- Problemas financeiros;
- Reprovações ou notas baixas em várias disciplinas;
- Dificuldades na elaboração da monografia de final de curso;
- Preparação para outro curso;
- Motivos pessoais;

Nota-se que nos cursos que oferecem complementação de habilitação ou modalidade a evasão é maior. Em muitos casos o aluno consegue vaga para complementar seus estudos, mas não termina devido ao seu ingresso no mercado de trabalho ou mesmo para cursar pós-graduação e isso reflete no número de evasão do curso.

Ingresso e Diplomação

No que diz respeito ao ingresso e conclusão observa-se que nos cursos da área de saúde (Farmácia, Medicina e Odontologia) a correlação é praticamente igual a 01 (um), no curso de Nutrição a média é de 75% de concluintes em relação aos ingressantes. O curso de Engenharia civil apresenta um percentual de 76,4%, o curso de Matemática a média gira em torno de 40% e em Física é de 35,7%. No curso de Química o número de concluintes é baixo devido a retenção de alunos e formação com tempo superior a 4 anos. O curso de Ciências da Computação e o de Direito apresentam uma correlação bem próxima entre o número de ingressantes e concluintes. No curso de Filosofia, no período analisado, o ano de 2002 apresentou um melhor resultado, nos demais anos a proporção está em torno de 1/3 (um terço) de concluintes em relação aos ingressantes.

O curso de História apresenta uma particularidade que merece registro: a despeito do gênero masculino sobrepor o gênero feminino no ingresso, no momento da diplomação a situação se inverte, o gênero feminino sobrepõe-se ao masculino.

Inserção dos Alunos nos Programas de Bolsas

Há unanimidade na observação de que o número de bolsas é muito reduzido em relação à demanda e sobre a necessidade de incentivo à iniciação científica. Os cursos analisados consideram a importância da participação dos alunos em programas de bolsas porque agrega conhecimentos e sugerem o aumento de verbas para manutenção e expansão de uma política de bolsas, sejam de iniciação científica, extensão, monitoria, PROLICEN; de Trabalho (estágio).

Em alguns cursos, como Química, por exemplo, a participação dos alunos em projetos de iniciação científica é verificada pelo crescente número de alunos de graduação como autores de publicações no Instituto de Química. Essa participação é incentivada pelos professores, mas a quantidade de bolsas não atende a demanda e há um grande número de alunos envolvidos em pesquisa como voluntários. No curso de Direito as bolsas são reduzidas e um grande número de alunos participa de atividades de assistência jurídica gratuita e outros programas comunitários na condição de voluntários.

3.4 – EXAME NACIONAL DE AVALIAÇÃO DE DESEMPENHO DOS ESTUDANTES

A presente avaliação tem por objetivo apresentar os resultados do ENADE realizado em oito cursos da Universidade Federal de Goiás: Agronomia, Educação Física, Enfermagem, Farmácia, Medicina, Medicina Veterinária, Nutrição e Odontologia. Participaram do exame grupos de estudantes desses cursos, selecionados por amostragem, em momentos distintos de sua formação. O grupo denominado **ingressante** se encontrava no final do primeiro ano e o outro denominado **concluinte** estava cursando o último ano. Os dois grupos foram submetidos à mesma prova, composta de duas partes: a primeira abordava aspectos da **formação geral** do estudante; a segunda, a **formação específica** de cada área. Além da prova, o ENADE aplicou questionários aos alunos, para colher informações sobre suas impressões a respeito da prova e sobre seu perfil sócio-econômico.

De posse dos resultados divulgados pelo INEP/MEC, os coordenadores de curso e diretores das unidades acadêmicas que abrigam os cursos avaliados, sistematizaram os dados e apresentaram suas análises no Seminário Interno de Avaliação ENADE/2004. O seminário teve como objetivo socializar os resultados e promover a reflexão dos envolvidos no atual processo de avaliação institucional.

Com a apresentação individual dos resultados por curso, houve a oportunidade dos coordenadores mostrarem as dificuldades que enfrentaram, como por exemplo, a desmotivação de alguns concluintes para participarem do ENADE, e também a não realização da prova por outros, como forma de protesto. Por outro lado mostrou também que as mudanças ocorridas nos projetos pedagógicos e o compromisso dos corpos docentes e técnico-administrativos, trouxeram bons resultados visto que as notas obtidas na maioria dos cursos foram iguais ou maiores que a média nacional em todos os itens (vide quadro1).

Quadro 1. Desempenho dos Cursos da UFG

LOCAL	CURSOS	FORMAÇÃO GERAL		FORMAÇÃO ESPECÍFICA		CONCEITO
		Ingressantes	Concluintes	Ingressantes	Concluintes	
Goiânia	Agronomia	42,8 (33,6)*	39,1 (40,8)	27,3 (28,7)	52,0 (51,0)	3
	Educação Física	2,1 (29,4)	4,5 (34,8)	1,7 (23,8)	5,3 (38,8)	1
	Enfermagem	43,9 (33,5)	50,5 (39,7)	29,5 (27,3)	49,4 (42,0)	4
	Farmácia	57,6 (35,4)	54,3 (42,5)	31,5 (22,3)	36,7 (33,2)	4
	Medicina	63,9 (53,5)	65,3 (56,3)	18,8 (19,6)	58,9 (47,2)	5
	Medicina Veterinária	49,6 (36,0)	49,5 (42,7)	16,6 (17,6)	47,0 (41,9)	4
	Nutrição	51,2 (32,8)	58,4 (39,7)	27,0 (20,3)	55,1 (42,2)	5
	Odontologia	54,2 (39,8)	63,9 (46,0)	20,4 (21,4)	64,2 (55,2)	5
	Catalão	Educação Física	30,8 (29,4)	36,9 (34,8)	30,3 (23,8)	47,8 (33,8)
Jataí	Agronomia	49,3 (33,6)	43,5 (40,8)	25,3 (28,7)	57,6 (51,0)	4

Educação Física	30,2 (29,4)	37,4 (34,8)	27,9 (23,8)	40,8 (33,8)	4
Medicina Veterinária	45,2 (36,0)	45,8 (42,7)	20,2 (17,6)	47,2 (41,9)	4

* Média Nacional.

De acordo com o quadro, os cursos de Medicina, Odontologia, Nutrição, Farmácia e Enfermagem apresentaram maior percentual de desempenho dos concluintes em **formação geral**. Os demais cursos apresentaram percentuais menores, mas com notas ainda assim, acima da média nacional para os concluintes, com exceção de Agronomia (Goiânia) que ficou levemente abaixo e Educação Física (Goiânia) que por motivos de protesto não responderam adequadamente a prova.

Quanto à prova de **formação específica**, previsivelmente, as médias mais elevadas foram dos concluintes para todos os cursos. A menor diferença de desempenho entre ingressantes e concluintes na formação específica pode ser observada no curso de Farmácia, ingressantes 31,5 e concluintes 36,7. Dado esse, que merece uma análise mais profunda, passando inclusive pela qualidade do instrumento de avaliação.

Alguns destaques podem ser apontados como resultado do ENADE no conjunto da instituição:

- Os cursos de Odontologia, Medicina e Nutrição obtiveram o conceito máximo;
- O Curso de Nutrição está entre os 07 melhores cursos do país;
- A aluna que obteve a melhor nota de todo o ENADE é do curso de Medicina;
- As duas melhores notas dentre os cursos de Agronomia do Estado de Goiás foram obtidas por alunos da Agronomia/Jataí.

Com base nos questionários que retratam as características sócio-econômicas dos estudantes foi possível constatar que:

- O percentual de ingressantes negros e pardos é maior que o percentual de concluintes;
- O percentual de alunos provenientes de famílias que ganham até dez salários mínimos/mês é maior entre ingressantes que entre concluintes;
- O percentual de alunos que não trabalham e são financiados pela família é maior entre os ingressantes que entre os concluintes;
- O percentual de alunos cujo pai tem escolaridade máxima de ensino médio é menor entre os ingressantes do que entre os concluintes;
- O percentual de pai com escolaridade mínima de ensino superior, maior entre os ingressantes e menores entre os concluintes. O mesmo não ocorre em relação à mãe dos estudantes, pois o percentual de alunos cujas mães possuem escolaridade mínima de ensino médio é maior entre os ingressantes que entre os concluintes, da mesma forma que o percentual de mães com escolaridade mínima de ensino superior é maior entre os ingressantes que entre os concluintes.
- O percentual de estudantes que cursaram ensino médio em escola pública é maior entre os ingressantes que entre os concluintes;
- O percentual de alunos que utilizam a biblioteca da instituição com razoável frequência é maior entre os concluintes que entre os ingressantes; a televisão é utilizada para ambos os grupos para se manterem atualizados e o acesso à internet é quase que equivalente entre os ingressantes e concluintes.

4 – POSSIBILIDADES DE FUTURAS AÇÕES

Com do diagnóstico feito através da análise das auto-avaliações das Unidades Acadêmicas, a equipe da CPA deixa aqui algumas sugestões visando à melhoria das atividades na Universidade:

Planejamento

- Incrementar ainda mais o processo de divulgação e sensibilização junto a comunidade interna e particularmente aos diretores da importância da realização do planejamento bem como de que mesmo deva ser realizado com a maior participação possível;
- No caso onde se faça a opção por uma realização menos participativa que seja feita uma maior divulgação do mesmo, utilizando, de forma mais efetiva, meios eletrônicos para esta divulgação;
- Estabelecer estudos detalhados para um diagnóstico mais consistente sobre o sentimento de que o não cumprimento de metas é motivado por problemas externos as unidades.
- Tornar obrigatória a utilização do SPGE para a elaboração e registro do planejamento estratégico, pois o sistema permite um melhor acompanhamento das atividades tanto pelos gestores locais da unidade como pela administração central da universidade, além de estar interligado com a base de dados corporativa da UFG.

Treinamento e Desenvolvimento

- Maior divulgação e obrigatoriedade da utilização do SPGE, já disponível, para registro do planejamento, pois este já possibilita que os gestores tenham uma melhor visão do que, quando e para quem devem ser previsto cursos de qualificação;
- Dar maior visibilidade ao corpo docente de que existem programas de qualificação além dos programas de pós-graduação na sua área de conhecimento.
- Incrementar a sensibilização dos gestores para a importância da constante qualificação de seu grupo de apoio (Docentes e Ta's).

Comunicação

- Aprimorar a política de comunicação de tal modo que inclua maior utilização de meios eletrônicos, permita maior seletividade das informações e maior velocidade na sua disponibilização.
- Instrumentalizar a ASCOM para executar o item anterior e articulá-la com as Unidades Acadêmicas/Órgãos.

Relacionamento Interpessoal

- Reforçar as ações desenvolvidas pelo DDRH para ajudar a superar ou mesmo minimizar os conflitos entre segmentos docente e técnicos administrativos
- Diminuir a distância existente entre Docentes e TAs, possibilitando reuniões administrativas conjuntas e momentos de confraternização, a exemplo do que já acontece em algumas UA.
- Realizar a auto-avaliação com as três categorias simultaneamente.

- Melhorar e promover a integração dos estudantes à UFG, desde o ingresso, possibilitando uma visão de conjunto das atividades desenvolvidas e potencialidades.

Atividades Acadêmicas

- Sensibilizar os docentes para a adoção de práticas acadêmicas que coloquem os discentes como centro do processo educacional.
- Desencadear ações entre os docentes para conscientizá-los dos benefícios advindos da diversificação dos procedimentos didático-pedagógicos e da avaliação da aprendizagem.
- Esclarecer melhor os alunos com relação às estruturas curriculares recém-implantadas.
- Consolidar a prática do planejamento estratégico como instrumento de gestão.

Indicadores Quantitativos

- Na definição de políticas institucionais, levar em conta a especificidade de cada Unidade Acadêmica, conforme sugere os indicadores. Para exemplificar, as áreas de Medicina e Direito não comportam uma política de Docentes em regime Dedicção Exclusiva.

Censo

- Sugere-se que para as próximas análises dos dados do Censo, sejam realizadas pela PROGRAD através de seminários pré-agendados com os diretores e coordenadores de cursos.

Enade

- Nos cursos com duração mínima superior a 4 anos, os ingressantes não serão os mesmos que farão a prova do ENADE na conclusão e o ideal é que a mesma população discente participe nos dois momentos oferecendo assim subsídios para a melhoria do curso.
- Ampliação da amostragem atual por considerá-la pouco representativa.
- Assessorar os coordenadores de curso na análise dos dados do ENADE.

ANEXOS

- A Relação de Unidades/Órgãos que participaram da Auto-Avaliação nas Gestões 1998/2001 e 2002/2005
- B Avaliação Institucional 1998-2001 - Uma mudança em curso
- C Avaliação Institucional 2002-2005 - Uma mudança em curso
- D Formulário de Síntese da Auto-Avaliação: Por Tema
- E Formulário de Síntese da Auto-Avaliação: Por Unidade
- F Censo da Educação Superior
- G Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes